

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia**

**Trabalho de Graduação Individual
A percepção de estudantes moradores de ocupações urbanas
sobre a escola: um estudo de caso no centro da cidade de São
Paulo**

Nome: John Yudi Nishida
Nº USP: 8032035
Orientador: Profº Drº Eduardo Donizeti Giroto

**SÃO PAULO
2018**

John Yudi Nishida

**A percepção de estudantes moradores de ocupações
urbanas sobre a escola:
um estudo de caso no centro da cidade de São Paulo**

**Trabalho de Graduação Individual apresentado
no Departamento de Geografia da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.**

Orientador: Professor Drº Eduardo Donizeti Giroto

RESUMO:

Este trabalho aborda a percepção dos alunos que vivem em moradias ocupadas no centro da cidade de São Paulo sobre a educação e a geografia em uma escola da rede pública estadual. Um dos temas explorados neste trabalho é o fato de que o currículo não privilegia todos os grupos sociais e não conta com participação expressiva de professores em sua elaboração. Através de levantamento de dados, pesquisa bibliográfica, entrevistas e leitura de artigos e reportagens online, foi possível entender um pouco mais sobre as dificuldades que os alunos que vivem em ocupações enfrentam na escola e na sociedade e os preconceitos que sofrem por estarem lutando pelo direito à moradia. Este estudo também traz percepções em torno da precarização que o ensino público vem sofrendo e uma reflexão sobre a importância do papel do professor na formação de estudantes em condições sociais diversas que chegam à escola.

Palavras-chave: Ocupação, Currículo, Educação, Movimentos sociais.

ABSTRACT

This work deals with the perception of students living in occupied housing in the city center of São Paulo on education and geography in a state public school. One of the themes explored in this study is the fact that the curriculum does not privilege all social groups and does not rely on the expressive participation of teachers in its elaboration. Through data collection, bibliographic research, interviews and reading articles and online reports, it was possible to understand a little more about the difficulties that the students who live in occupations face in school and in society and the prejudices that suffer for being fighting for the right to housing. This study also brings insights about the precariousness that public education has been suffering and a reflection on the importance of the role of the teacher in the training of students in diverse social conditions that reach the school.

Keywords: Occupation, Curriculum, Education, Social movements.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	1
1. INTRODUÇÃO	2
2. O CURRÍCULO PARA QUEM? QUAIS SÃO OS SUJEITOS CONTEMPLADOS?	8
3. CARACTERIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DOS <i>SUJEITOS</i> DA PESQUISA	12
3.1. A ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA MARINA CINTRA.....	13
3.2. AS OCUPAÇÕES	17
3.2.1. OCUPAÇÃO PRESTES MAIA	17
3.2.2. OCUPAÇÃO SÃO JOÃO, 588.....	19
3.3. A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA, O CURRÍCULO E A GEOGRAFIA.....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
5. REFERÊNCIAS	32

Agradecimentos

Esse período de graduação foi de muita aprendizagem em diversos aspectos, desconstrução e construção sobre a sociedade e sobre tudo o que acreditava antes de ingressar na universidade. Houve momentos em que questionava se estava na graduação correta e as crises sobre as disciplinas também foram presentes nessa jornada. Por isso, ao chegar ao final deste processo, fico feliz em agradecer as pessoas que me acompanharam e fizeram parte desta trajetória.

Primeiramente, gostaria de dedicar esse trabalho aos meus queridos pais, Shoji Nishida (In memoriam) e Hisako Nishida (In memoriam), meus irmãos, Cleber Kazuo Nishida, Karen Yuri Nishida, Lincoln Kenji Nishida e Kátia Yoshimi Nishida (In memoriam) e meus tios, Kunio Ono, Akemi Tsukamoto, Akira Ono e Leila Ono. Todas essas pessoas são responsáveis pelas conquistas pessoais e na minha formação do meu carácter e educação. Pessoas que me apoiaram nas minhas decisões e sonhos antes mesmo de decidir qual carreira seguiria profissionalmente.

Dedico este trabalho também para a minha amiga e companheira Camila de Assis Novaes e sua família, que estão presentes na minha vida desde o ano de 2015 e, ao longo dos anos que se passaram até a finalização deste trabalho, foram pessoas que me acolheram e colaboraram muito neste trajeto.

Aos meus amigos do cursinho, Marcelo Menezes, Guilherme Job, Gregory Vinicius, Rodolpho Iwano, Diego Santos e Tsuyoshi Yodogawa, da faculdade, João Gabriel, Lucas de Melo, Samiyah Becker, Júlio Witer, Fernanda Soucek, Letícia Almeida, Carolina Bueno e Felipe Zeitlin, aos meus amigos de infância e adolescência, Kenzo Yuba, Leimi Kobayashi, Bruno Canatto e Eduardo Minami.

Aos meus mestres e professores que marcaram a minha vida, profº Drº Antonio Carlos Robert Moraes (in memoriam), profº Drº Ailton Luchiari (in memoriam), profº Walter, profª Draª Rosa Esther Rossini e profº Drº Eduardo Giroto, professores que são referências e foram marcantes em suas aulas. Agradeço também as pessoas que me conhecem e fizeram parte deste meu trajeto até a conclusão do trabalho: obrigado a todos.

1. Introdução

As cidades ou centros urbanos surgiram há muito tempo, sendo locais de circulação de pessoas, mercadorias, ideias, tendo o crescimento intensificado, principalmente, após a revolução industrial. Com o passar dos anos, as cidades passaram por diversas transformações, com a amplificação de problemas sociais, principalmente, como aponta Lefebvre (2001), a partir da transformação das cidades de valor de uso em valor de troca, onde o *habitat* se torna prioridade sobre o *habitar*. Segundo o autor,

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso. (LEFEBVRE, 2001, p. 14).

No caso do Brasil, as cidades surgiram sempre marcadas por contradições, com o uso e a ocupação desigual dos lugares, formando as áreas periféricas, classificadas ou confundidas com áreas mais carentes, com o predomínio de pessoas de baixa renda e que acabam sendo negligenciadas pelas políticas públicas.

Como podemos observar e analisar, nas cidades contemporâneas há uma relação direta entre os agentes do capital, o Estado e os sujeitos sociais que estão presentes nesses espaços e que entram em conflitos constantemente. No quadro atual, estamos em uma situação de instabilidade e crise política que acaba afetando os sujeitos sociais com a entrada de um governo que pratica políticas que beneficiam as camadas sociais mais abastadas da sociedade brasileira, ampliando assim, também, os conflitos na e sobre a cidade. Com isso, a cidade, na realidade brasileira, tem se tornado, cada vez mais, lugar de disputa de diferentes interesses. De um lado, há a tentativa de hegemonia da lógica do capital, provocando especulações imobiliárias e forçando as pessoas a migrarem para as regiões periféricas ou regiões onde o preço da terra é mais barato, até o momento em que houver interesse do capital em ocupar esse espaço e acabar aumentando o preço da terra. Podemos destacar como exemplo o ocorrido com

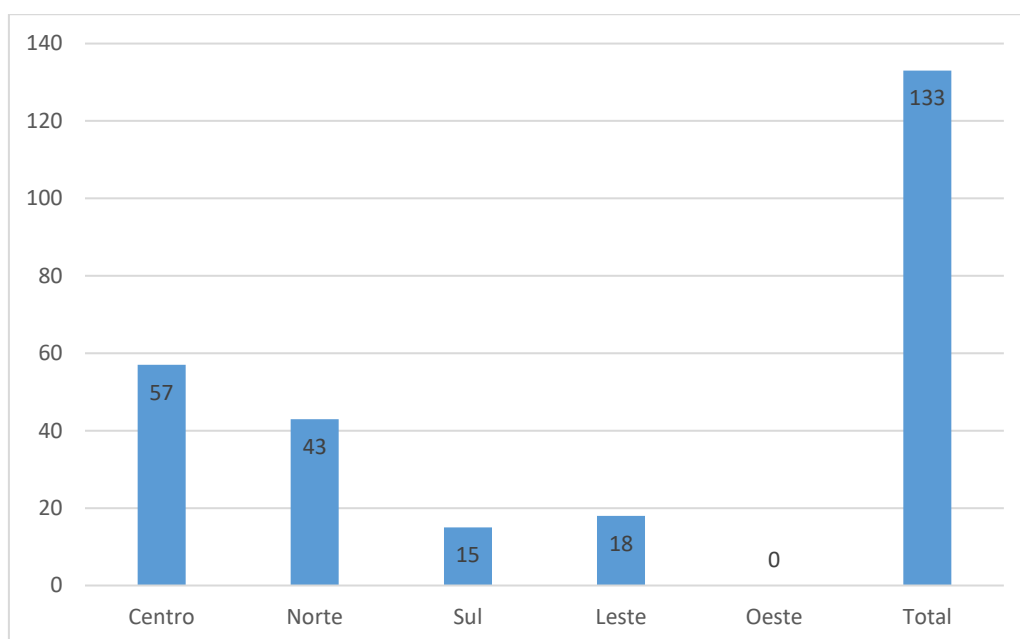
as áreas próximas aos estádios que sediaram os jogos da copa do mundo de 2014, realizada no Brasil.

Por outro lado, temos a organização de diferentes movimentos contra hegemônicos que lutam para que não ocorram perdas de direitos, em defesa das conquistas da classe trabalhadora. Graças a esses grupos, como o MST, MTST e outros coletivos nas periferias, em áreas rurais e urbanas no Brasil, que ainda lutam por melhores condições, pois são os grupos que o Estado menospreza ou buscar calar, o processo de espoliação urbana sofre resistência, e alternativas sobre o uso da cidade são construídos na luta cotidiana. Os grupos sociais que lutam por moradias são presentes e estão em constante luta para assegurar o seu direito de moradia garantido pela constituição de 1988; *“Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.*” As palavras sublinhadas estão em destaque pois são os temas chaves do trabalho.

Na cidade de São Paulo a luta destes grupos sociais é constante, pois é a cidade com a maior população do Brasil e com muitos problemas sociais, como a falta de moradias, apesar e em decorrência da existência de muitos prédios vazios, além de outros problemas que as populações menos abastadas sofrem no cotidiano. Só na cidade São Paulo, de acordo com o Plano Municipal Habitacional de 2017, há 369 mil famílias vivendo em situação de sem-teto. A Frente de Luta por Moradia (FLM) tem um papel fundamental para a luta por moradia, organizando as ocupações em prédios ociosos e que estão com problemas judiciais, como a falta de pagamento de IPTU.

De acordo com o mesmo plano, há cerca de 133 imóveis ocupados no município. Grande parte dessas ocupações estão na região central e norte do município, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 1: Número de prédios ocupados na cidade de São Paulo em 2017



Fonte: G1 e Plano Municipal Habitacional de São Paulo

A quantidade de prédios ociosos na cidade de São Paulo é elevada, uma vez que muitos investidores que adquirem esses prédios têm como objetivo lucrar com a especulação imobiliária, disputando, inclusive, legislações que beneficiem tais interesses. A espera de tais legislações, tais especuladores acabam deixando os prédios em “stand by” a espera de uma valorização na região que o prédio ocupa. Como consequência dessa especulação imobiliária, que exclui e obriga a população se mudar para regiões com aluguéis mais barato, muitos prédios que estão no centro da cidade se tornaram ociosos, devido ao custo elevado do aluguel, além do processo de descentralização econômica que ocorreu na cidade de São Paulo. Além disso, de acordo com a Secretária de Habitação do município de São Paulo, 445.112 moradias estão em favelas e 385.080 em loteamento irregulares, totalizando 830.192 domicílios em condições precárias, conforme dados de 2016.¹

A falta de políticas públicas que busquem amenizar os problemas de moradia na cidade de São Paulo agrava ainda mais a situação. O IPTU progressivo poderia amenizar o problema do déficit urbano da cidade de São

¹ Os dados podem variar, devido aos tipos de ocupações, pois podemos classificar cortiços e favelas como ocupações, os dados que foram pesquisados variavam, principalmente após o incêndio que ocorreu no dia 01/05/2018 em uma ocupação no Largo do Paissandu.

Paulo, mas a falta de fiscalização acaba tornando a política pouco eficiente. O IPTU progressivo busca combater a ociosidade de imóveis nas regiões com infraestrutura básica. A ociosidade ocorre devido ao mercado imobiliário especulativo, onde proprietários de imóveis aguardam a valorização daquele espaço para comercializá-lo. O poder público chega a notificar os proprietários para que seja realizado projeto social para o espaço e evitar a degradação do prédio. Caso isso não seja feito, é aplicado o IPTU progressivo. A progressividade é aplicada na alíquota, sendo 1% no primeiro ano, 2% no segundo, 4% no terceiro, seguindo uma progressão geométrica por 5 anos e chegando no limite de 15% no quinto ano.

Com o intuito de problematizar a questão da luta por moradia na cidade de São Paulo, a presente pesquisa busca articulá-la com outro debate que consideramos essencial: o direito à educação das crianças e jovens moradores de ocupações. Neste sentido, a pesquisa buscou compreender quais as dificuldades que tais sujeitos enfrentam na educação básica, desde barreiras burocráticas na matrícula até o dia a dia dentro da escola e sala de aula, marcado, muitas vezes, pelo preconceito sofrido pelo fato de serem moradores de ocupações e o medo de saber que os alunos podem ser despejados junto com a sua família a qualquer momento do dia, pois a educação e moradia são direitos de todos, mas sabemos que isso não ocorre de fato. Por isso, buscaremos entender sobre as dificuldades que os alunos e seus pais enfrentam na relação com a escola, com o intuito de buscar formas de colaborar com a luta dessas pessoas.

De acordo com a ECA (Estatuto da criança e do adolescente) toda criança e adolescente tem direito a educação. No artigo 53, tal direito está explícito:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

- I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - direito de ser respeitado por seus educadores;
- III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;
- IV - direito de organização e participação em entidades estudantis;
- V - acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Em nossa perspectiva, é necessário garantir educação de qualidade para as crianças de ocupações, reconhecendo suas lutas e saberes. Como apontado por Arroyo, no livro *Outros sujeitos, outras pedagogias*, temos que entender esses outros alunos e praticar a educação de outra forma pedagógica, não podemos tratar um aluno com a mesma idade, mas com condições pessoais de vida totalmente opostas. Será que estamos dando voz para a luta dessas pessoas e será que não devemos ouvir mais esses grupos e adaptarmos a nossa didática para buscar formas de ajudá-las a compreender a importância da luta delas? Como podemos falar sobre luta de classes e direitos sobre moradia para moradores de ocupações sendo que essa população vive isso no cotidiano e na sua pele?

Compreender a vida e o pensamento desses alunos é importante para tentarmos entender como se sentem ao lado de pessoas que não tem a sua vivência e que pode ser o seu futuro opressor. Na escola, um ambiente em que não deveria ocorrer isso, há preconceitos, também há professores que julgam esses alunos, mas não sabem a sua situação e o aluno, como já está em formação e tem na sua mente sobre o professor ser a pessoa que irá falar a verdade sobre o mundo.

Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa é buscar conhecer as dificuldades e o pensamento dos alunos que são moradores de ocupações e quais dificuldades que levam do seu cotidiano para a escola. Como lidam com esses problemas dentro e fora da escola. O objetivo específico buscará saber como os alunos de ocupações pensam sobre a escola e o que eles acham desse ambiente, quais seus sonhos e quais as dificuldades de estudar e morar em ocupações que podem ser invadidas a qualquer momento com ordem de despejo.

A metodologia utilizada para a pesquisa se deu através de leituras prévias de autores que abordam o tema da pesquisa, buscando compreender sobre os problemas sociais e estruturais que atingem os alunos moradores de ocupações. Será pesquisado com a colaboração de uma professora de uma escola pública estadual localizada no Bairro da Consolação, área central da cidade de São Paulo, que tem contato direto com alunos que moram em ocupações e foi a mediadora da relação com os alunos. Essa mediação é necessária para evitar o constrangimento dos alunos e de seus responsáveis. A partir do contato com os

alunos e seus responsáveis, foi realizado um acompanhando e diálogos para compreender através de relatos o cotidiano dos alunos.

Como colaboradora da pesquisa, a professora foi fundamental, pois até o início da pesquisa, não tinha nenhum contato com grupos sociais que lutam por moradia e ainda não estou ingressando como professor de escola pública. Também foi realizado um estudo sobre as burocracias na escola em que foi realizado o campo e nas legislações para saber quais os procedimentos que os alunos enfrentam e fazer uma análise crítica dos mesmos.

O trabalho de encontra organizado da seguinte forma: na primeira parte, discutimos o currículo escolar, buscando problematizar seus processos de construção e articulação dos mesmos com disputas políticas e de projetos de sociedade que buscam valorizar conhecimentos e sujeitos específicos em detrimento de tantos outros. Na segunda parte, apresentamos a escola na qual a pesquisa foi desenvolvida, bem como os sujeitos da investigação. Nesta parte, buscamos compreender como estudantes e professores lidam com o tema / vivências das ocupações. Por fim, discutimos algumas perspectivas que a produção desta pesquisa aponta sobre a importância de transformar o currículo da escola, ampliando seus sujeitos, conhecimentos e identidades.

2. O currículo para quem? Quais são os sujeitos contemplados?

A pergunta que inicia este capítulo questiona de que maneira o currículo escolar é elaborado, por quem ele é feito e quais alunos este currículo contempla ou não. Para iniciar esse debate, devemos lembrar das transformações que a sociedade enfrentou desde a formação do capitalismo. Com o desenvolvimento da sociedade em classes, foram se formando grupos que seguiam normas impostas e outros que seriam ignorados ou tratados como fora do padrão, mas que lutavam, desde o início, por visibilidade e reconhecimento.

Com as constantes transformações da nossa sociedade, isso requer que as escolas também estejam adaptadas para essas mudanças, pois diversos grupos estão ganhando voz e buscando seu reconhecimento e respeito na nossa sociedade: os grupos LGBTs, das mulheres, negros e dos movimentos sociais são alguns dos exemplos. Mas será que as escolas estão preparadas ou se adaptando para receber esses *novos sujeitos com outras pedagogias*? Ou apenas sabem da existência, mas ignoram, pois, foram criadas em outras épocas ou em dogmas que repudiam ou discriminam esses grupos e por isso não tem interesse em reconhecer esses sujeitos nas escolas?

Mesmo que aos poucos os currículos escolares estejam sendo disputados por outros sujeitos, que reivindicam o direito de participar da construção da sua própria educação, como o ensino da cultura africana e as pautas sobre a discussão de gênero nos materiais didáticos, em contrapartida temos grupos conservadores que são contra esse tipo de ensino, pois alegam que são pautas de interesse políticos com ideologia da esquerda que atingem “a moral e os bons costumes da família tradicional brasileira”. Sabemos que o principal objetivo é dar voz a esses grupos sociais, que sempre estiveram presentes na nossa sociedade, mas que não tinham voz ativa no campo da política pois eram considerados grupos marginalizados e dominados pelo discurso de senso comum que era imposto pelos grupos de intelectuais que elaboravam e ainda elaboram o currículo escolar.

Com o passar do tempo, esses grupos que sempre foram oprimidos começaram a pressionar diretamente o estado para a reformulação do currículo. Essa pressão teve colaboração direta dos professores, pois estes sabem da sua

importância na formação de um aluno, trabalhando um lado mais humano, tendo contato direto no cotidiano daqueles indivíduos, com histórias, trajetórias, características e sentimentos diferentes, o professor ou educador tem que lidar com essas situações. Mas nem sempre o educador é escutado e surge os problemas de falta de incentivos a esses profissionais, que em diversos momentos acabam sendo afetados por problemas de falta de infraestrutura física e emocional para lidar com tantos indivíduos distintos em um mesmo ambiente.

Sabemos da falta de representação dos grupos no currículo e por isso a necessidade de se lutar para a melhora do currículo em que todos os grupos sejam contemplados e que seja formado um espaço mais humano. Como aponta Arroyo, a escola pública não tem o objetivo apenas de ensinar, mas também de trazer de volta o lado humano desses indivíduos, pois esses alunos têm origem de locais precários, onde a violência e outras mazelas são presentes e acabam destruindo a sua infância e adolescência.

No momento atual, em que predominam ações tecnicistas de produção dos documentos educacionais, os professores têm pouca voz na elaboração do currículo. Têm-se ampliados modelos curriculares pautados avaliações padronizadas que são utilizadas para classificar e ranquear escolas e instituições de ensino. IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) e o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) são algumas das avaliações aplicadas pelo governo e que reforça e pressionam as escolas serem conteudista, deixando de levar em consideração outros aprendizados importantes na formação do aluno.

No entanto, sabemos que o professor continua a ter papel fundamental na educação, como coloca Arroyo no trecho:

(...) diante desse quadro social e político em que a escola, nós, os educandos e os currículos estamos imersos, somos obrigados(as) a avançar nas consequências dessas disputas para o território da escola, da sala de aula e dos currículos. São os espaços concretos onde o nosso trabalho se materializa e particulariza. A sala de aula é o território onde a relação pedagógica mestre-educador-aluno-educando encontra seu lugar, adquire ou perde seus significados, seja de realização ou de mal-estar(...) (ARROYO, 2013, p. 32).

Podemos entender melhor com o trecho que foi colocado acima e conforme foi abordado anteriormente, o papel fundamental do educador na escola, na disputa cotidiana pelo currículo, onde pode colaborar na solidificação do conhecimento e na construção de um espaço escolar mais humano e aberto para esses alunos, que enxergam a escola como um ambiente hostil.

A necessidade em escutar a voz desses grupos minoritários é enorme, pois com eles é possível construir um currículo mais justo e trazer diversos conhecimentos de vivências para provocar o questionamento nos alunos e levar mais empatia para os indivíduos.

Como Arroyo aborda sobre a construção do currículo, há uma necessidade da valorização das experiências dos indivíduos e grupos que pertencem a nossa sociedade na sua construção. A elaboração do currículo é feita de forma que o conhecimento se distancia da experiência, ou seja, não se leva em consideração a realidade de muitos educandos e educadores, e conseqüentemente distancia-se ainda mais e prejudica o processo de aprendizagem do aluno, pois a educação será para pessoas *comuns*. Como Arroyo coloca, a manutenção do poder e privilégios é interesse dos grupos que elaboram o currículo sob a atual lógica:

Reconhecer e enfatizar a relação estreita entre experiências e conhecimento ou reconhecer que todo conhecimento tem sua origem na experiência social, como lembrávamos, não é apenas uma questão epistemológica a ser estudada nas teorias de produção do conhecimento. É um pré-requisito para entender por que as vivências dos educandos e dos educadores, as experiências das lutas, do trabalho e da condição docente são desprestigiadas e ignoradas, não apenas nos currículos, mas também nas políticas de valorização profissional (ARROYO, 2013, p. 34)

A polarização do conhecimento e experiência como foi abordado anteriormente, demonstra ainda uma hierarquização e poder presente no currículo, pois o conhecimento produzido pelas camadas mais ricas da nossa sociedade é dado como superior ao conhecimento produzido nas camadas mais pobres. Quando se ignora as experiências sociais, são ignorados diversos conhecimentos e o trabalho humano. Por isso, é necessário o reconhecimento de que todo conhecimento é uma produção social, e com isso, pressionar para que o currículo conte com outros conhecimentos de diversos grupos sociais, pois

com o conhecimento baseado nas diversas experiências sociais produzimos uma diversidade de conhecimentos.

Por isso, a resistência do currículo se dá também através dos docentes que agem de forma direta com os alunos, além dos espaços culturais e estilo de educação alternativos, que buscam trabalhar com os alunos de uma forma mais aberta a novas experiências e desconstruir conhecimentos preconceituosos, elementos que poderemos verificar no decorrer da pesquisa.

3. CARACTERIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Compreender os movimentos sociais e sua importância é fundamental para o ensino, pois as lutas sociais são importantes e significam exemplos de reivindicações por direitos que foram retirados ou omitidos pelo próprio Estado, que tem o dever de fornecer as condições básicas de sobrevivência para a população.

A atual situação de instabilidade e crise política no país afeta a população com a entrada de um governo que intensifica políticas que beneficiam as camadas sociais mais abastadas da sociedade brasileira. Diversos grupos e coletivos sociais lutam para evitar a perda de direitos da população, principalmente das camadas sociais inferiores. Grupos como MST, MTST, coletivos nas periferias, áreas urbanas e rurais são a resistência em um cenário político que ignora as camadas sociais mais pobres do país.

Não seria a educação uma forma de colaborar com a luta desses grupos? Mas como a educação pode ajudá-los sabendo que eles são calados dentro das escolas no Brasil? Por que o currículo não abrange as minorias e tantos outros grupos que pertencem ativamente a nossa sociedade? De fato, há professores que buscam uma educação libertária e fora dos padrões tradicionais, que tem outro pensamento sobre a educação e buscam tratar sobre os problemas sociais dentro das salas de aulas. Mas sabemos que grande parte dos professores acabam praticando a educação que não leva em consideração os diversos grupos que compõe a sociedade, como os formados por pessoas LGBT, negras, e as de movimentos sociais.

Como foi dito na primeira parte deste trabalho a pesquisa visa tratar sobre os alunos que são moradores de ocupações do MTST na cidade de São Paulo, verificando quais as dificuldades que enfrentam na escola. Interessa-nos saber como lidam com o preconceito por serem moradores de ocupações e o medo que enfrentam de saber que podem ser despejados junto com a sua família a qualquer momento do dia - já que educação e moradia são direitos garantidos pela constituição de 1988 para toda a população brasileira, mas sabemos que isso não ocorre de fato. Entender um pouco sobre as dificuldades que os alunos e os pais desses alunos enfrentam pode trazer, em nossa perspectiva,

importantes reflexões e gerar uma busca por formas de colaborar com a luta dessas pessoas.

3.1. A ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA MARINA CINTRA

A escola em que foi realizada a pesquisa é a E. E. Prof.^a Marina Cintra. A instituição está situada na área central da cidade de São Paulo, na qual há muitas opções de transportes públicos e de fácil acesso, uma vez que se localiza na rua da Consolação, número 1289, principal via de interligação entre o centro e a Zona Oeste da cidade.

Figura 1: Escola Estadual Prof^a Marina Cintra



Fonte: Google Earth, 2017

Figura 2 e 3: Imagens da fachada da Escola Estadual Marina Cintra



Fonte: Camila de Assis Novaes, 2017.



Fonte: Camila de Assis Novaes, 2017.

A Escola Estadual leva esse nome desde 13/06/1988. A professora Marina Cintra foi uma jauense, notória figura na educação nacional que faleceu em um acidente aéreo. Foi homenageada e deu seu nome para a antiga Escola Estadual da Consolação, que passou a se chamar Escola Estadual Professora Marina Cintra. A escola tem turmas que vai do 1º ao 9º ano do ensino fundamental II.

A escola passa por um momento de sucateamento e precarização da educação, como diversas outras áreas e escolas da rede pública, principalmente as da rede estadual. Estamos em um momento delicado, com as reformas trabalhistas que estão em trâmite no país, temos grande parte do governo que busca tirar cada vez mais direitos dos trabalhadores para beneficiar os empresários, e os professores e outros profissionais que trabalham na educação estão inclusos nessas reformas que o governo está querendo impor.

O objetivo de precarizar a educação é bem nítido. Temos a eliminação da obrigatoriedade das disciplinas de geografia e história na grade curricular do ensino médio e os ataques que questionam a necessidade das disciplinas de filosofia e sociologia na grade curricular do ensino básico, alegando que estas afetam o rendimento de matemática no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Além da proposta de extinguir os cursos de humanas nas universidades públicas do Brasil, esses são alguns exemplos da precarização do ensino no Brasil.

No estado de São Paulo, as escolas estaduais acabam sendo muito prejudicadas. A baixa remuneração dos professores, o fechamento de algumas escolas e a falta de diálogo entre o sindicato dos professores e o governo dificulta ainda mais a melhora das condições de trabalho dos educadores e mestres.

Em relação a sua estrutura física a escola Marina Cintra não é das melhores. Conversando com a professora que estava acompanhando, foi relatado a dificuldade em realizar o projeto “Semana de consciência negra”, pois foi necessário a colaboração financeira de outros professores para a impressão de algumas fotografias, lanche para os convidados do evento e outros gastos. Com esse relato, compreendi mais um pouco sobre as dificuldades em realizar atividades que são importantes na formação dos alunos, que levam reflexões sobre como é a nossa sociedade, além disso, as barreiras dentro da educação

que os professores têm que enfrentar para trazer a atenção dos alunos e tentar melhorar a relação do aluno com a escola.

A escola atende alunos de diversas regiões da capital paulista, desde alunos da região e de ocupações do centro da cidade até regiões mais distantes, como a região sul de São Paulo. Na escola há alunos que viajam grandes percursos para chegarem à escola, enfrentam além dos problemas da precarização e o sistema engessado e viciado do ensino, o cansaço, o que prejudica ainda mais o seu rendimento.

A escola Marina Cintra foi a instituição escolhida devido à proximidade que o tenho com a escola. Iniciei um acompanhamento de estágio obrigatório da licenciatura com a professora de geografia Juliane, no ano de 2015, e realizei outros estágios com a professora devido a forma que a mesma trabalhava, buscando trazer pautas que fizessem os alunos questionarem a sociedade em que vivem. “Deixa o cabelo da menina no mundo” e a “Semana da consciência negra da escola Marina Cintra” são projetos que a professora coordena e tem muito destaque na escola, sendo muito importantes, mudando e influenciando de alguma forma a vida dos alunos. A forma que a professora trabalha na escola e os seus esforços para ajudar os alunos, ajudaram-me a ver como o trabalho de alguns professores se tornam um exemplo de resistência para os ataques que a área da educação vem sofrendo. Com o passar do tempo, tive o interesse em estudar o tema de ocupações, mas a princípio era sobre as dificuldades dos alunos que vivem em assentamentos dos movimentos do sem-terra. Devido à dificuldade de realizar o campo, surgiu a ideia, com a colaboração direta do orientador do trabalho de realizar algo semelhante à ideia principal, mas com alunos de moradores de ocupações da cidade de São Paulo.

Com a dificuldade de encontrar alunos de ocupações, a professora de geografia que acompanhei nos meus estágios das disciplinas da licenciatura se disponibilizou a ajudar e intermediou o contato com esses alunos da escola Marina Cintra, pois um dos temas que a professora estava trabalhando foi sobre as ocupações e a especulação imobiliária. A professora ainda organizou um campo na ocupação *Cambridge*, que teve como objetivo mostrar para os alunos dos 9º anos o cotidiano desses moradores, sua importância social e qual é o objetivo desse movimento social. Nesta ocupação foi realizado um documentário que foi apresentado antes da realização do campo.

Não foi possível saber a quantidade exata de alunos que vivem em ocupações, mas os dois alunos que entrevistei foram muito solícitos e atenciosos.

3.2. AS OCUPAÇÕES

Sabendo da importância dos movimentos sociais que lutam por um teto na maior cidade da América Latina, apresentaremos a história das ocupações em que os alunos entrevistados vivem e compreender um pouco sobre o funcionamento e como convivem os moradores das ocupações dos dois alunos que foram entrevistados para a pesquisa.

3.2.1. OCUPAÇÃO PRESTES MAIA

A ocupação Prestes Maia fica localizada na região da Luz, região central da cidade de São Paulo, na Avenida Prestes Maia, 911, onde vivem por volta de 400 famílias, de acordo com o *El País*², distribuídas em 22 andares. É considerada a segunda maior ocupação vertical da América Latina e a maior do Brasil.

O prédio ocupado é uma antiga fábrica têxtil dos anos 60, a Companhia Nacional de Tecidos, que declarou falência na década de 1980. O prédio foi ocupado pela primeira vez em 2002 por 435 famílias, quando o Movimento de Moradia da Luta por Justiça (MMLJ) decidiu ocupar o prédio para lutar por moradia, mas em 2007 foi desocupado. Algumas famílias foram contempladas com moradias na região leste de São Paulo e outras receberam uma carta de crédito, contudo, como o próprio site do movimento social colocou, *“o imóvel/ continuou abandonado, sem cumprir sua função social”*. Em 2008 e 2009 houve novas tentativas de ocupar o imóvel, mas sem sucesso, até que, em 2010, o imóvel foi ocupado novamente e hoje abriga por volta de 2 mil pessoas. A ocupação já sofreu diversas tentativas de desocupação e a luta de seus moradores continua. De acordo com os dados publicados em uma matéria do “El País” de 2016, a ocupação conta com cerca de 300 crianças, de 0 a 12 anos de idade, por isso a importância de se buscar entender um pouco mais sobre as

² O link sobre a reportagem está disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/09/politica/1455015637_003155.html

pedagogias com as quais essas crianças têm contato no seu cotidiano escolar e no seu convívio em um movimento social.

Na ocupação há uma organização em divisão de funções e regras a serem seguidas, como o comparecimento em atos convocados por movimentos sociais que lutam por moradias, horário de entrada e saída do prédio, entre outras diretrizes que são estabelecidas para o bom convívio dentro do espaço. Em cada andar há um fiscal ou responsável, que fica no encargo de resolver problemas do mesmo, caso não consiga o problema é encaminhado para o “síndico” da ocupação. Também é necessário que os moradores contribuam com uma mensalidade simbólica e estejam trabalhando ou ao menos procurando um emprego para que seja concedido o direito de a pessoa ocupar o prédio. Caso a família não tenha condições de contribuir é dispensada de pagar a taxa.

A distância entre a escola e a ocupação Prestes Maia é em torno de 2,7 quilômetros, em um percurso que passa pelo centro de São Paulo. É possível perceber na fala de ambos os alunos entrevistados o conhecimento adquirido inconscientemente sobre o espaço urbano e os problemas urbanos existentes na cidade que serão abordados no trabalho. Os alunos utilizam o transporte público com o *passe livre*³, o que colabora como um gasto a menos para suas famílias.

Segue algumas imagens da ocupação Prestes Maia.

³ Passe-livre: política pública em que o município oferece transporte público gratuito a estudantes com viagens limitadas mensais.

Figuras 4 e 5: Fachada da Ocupação Prestes Maia



Créditos: John Yudi Nishida.

3.2.2. OCUPAÇÃO SÃO JOÃO, 588

O prédio ocupado na rua São João, número 588, é a casa do aluno A., de 13 anos. A ocupação está localizada na região central da cidade de São Paulo, abriga por volta de 100 famílias e já sofreu cinco tentativas de reintegração de posse. O prédio é o antigo Columbia Palace, hotel de luxo da capital paulista abandonado há 30 anos e ocupado em outubro de 2010.

A ocupação da São João também tem suas regras para o bom convívio entre os moradores do espaço, como na ocupação descrita anteriormente, mas nessa há um diferencial muito importante para os seus moradores que é o andar cultural, um espaço que foi transformado e destinado para atividades culturais como leitura, aulas de capoeira, entre outras, algo muito caro a seus habitantes e, principalmente, àqueles mais jovens. Esta iniciativa está servindo de modelo para que outras ocupações a adotem, implantando um andar destinado à cultura. A ocupação conta também com uma biblioteca comunitária destinado aos moradores.

Como o trabalho busca entender um pouco sobre a educação dos *outros sujeitos* (ARROYO, 2010), uma ocupação que coloca à disposição de seus

moradores um espaço destinado à cultura e educação é importante para a luta desses grupos, os quais grande parte da sociedade taxa com termos pejorativos. É possível perceber isso principalmente nas redes sociais, com os comentários de ódio e preconceitos contra as minorias ou temas que vão contra a moral e os bons costumes da família tradicional cristã, os movimentos sociais também são alguns dos alvos e resistem contra o ódio e o discurso do senso comum e mostrando como funciona uma ocupação e mostrando a sua importância. É possível saber que nesse espaço cultural há uma *pedagogia dos oprimidos* (Freire, 2011) que não é vista nos ensinamentos tradicionais, pois o sistema não deixa que esses grupos minoritários se expressem e mostrem o valor da luta social. O maior medo do Estado e dos agentes hegemônicos que representa é deixar que os movimentos sociais cresçam e tenham cada vez mais condições de lutar por mais espaços e voz dentro da nossa sociedade. Por isso o Estado controla todos os grupos de forma invisível. Iremos realizar uma análise mais profunda sobre o papel do Estado nesta invisibilização dos movimentos sociais no capítulo 2 do trabalho.

A apresentação das duas ocupações citadas acima tem como objetivo possibilitar ao leitor um melhor entendimento da história e dos lugares de vivências dos alunos.

Figura 5: Espaço cultural da Ocupação São João.



Fonte: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/769/>

Figura 6: Espaço cultural da Ocupação São João.



Fonte: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/769/>

Figura 6: Fachada da Ocupação São João.



Créditos John Yudi Nishida; Ocupação São João (Fachada)

O trajeto da casa do aluno A. até a escola é de 1,7 quilômetros percorridos de ônibus, também utilizando o passe livre, e algumas vezes a pé, para utilizar o bilhete para se locomover para outras regiões da capital, uma vez que a quantidade de passes é limitada, não sendo possível utilizá-los para frequentar locais que são mais distantes que a escola, como por exemplo, o parque do Ibirapuera⁴.

O trajeto feito caminhando já causou alguns incômodos e medos, como o risco de tomar o “enquadro”, além do olhar desconfiado e julgador da população, um racismo enraizado na nossa sociedade e que um pré-adolescente negro ainda sofre desde cedo.

3.3. A percepção dos estudantes sobre a escola, o currículo e a geografia

Para compreender as percepções dos estudantes sobre a escola, realizamos duas entrevistas (em anexo). Entre as questões abordadas, estavam temas vinculados a escola e a vivência nas ocupações.

Antes de realizar a entrevista, foram feitas algumas conversas informais para a construção de uma relação e uma aproximação com os alunos. Conversei sobre o meu trabalho, sobre o motivo do meu interesse na educação e alunos que vivem em ocupações, minha posição sobre os movimentos sociais e sobre o que pensava das escolas estaduais e na minha vivência na escola estadual como aluno. Conversei sobre a minha infância e adolescência com amigos que viviam em assentamentos do MST (Movimentos do Sem Terra), e como acabei chegando até esses alunos através da colaboração da professora de geografia da Marina Cintra. O primeiro momento foi permeado pela timidez, mas com os encontros contínuos, as conversas foram fluindo e os alunos foram se abrindo sobre suas vidas, suas dificuldades e sonhos. Os dois tem sonhos e ideias como qualquer outro adolescente ou pré-adolescente, mas, ao mesmo tempo, sabem da importância da luta social por moradia em que estão engajados e dos problemas que enfrentam no cotidiano na maior cidade do país, que são

⁴ Parque do Ibirapuera: Parque localizado na região de Moema, bairro nobre da cidade de São Paulo

problemas de racismo e preconceito por serem negros e moradores de ocupações.

Em relação às dificuldades em se matricular em uma escola pública, como a burocracia com a comprovação de residência, ambos não tiveram problemas, pois as contas chegam normalmente nas ocupações e não houve problemas na burocracia no momento em que os seus responsáveis foram realizar a matrícula.

A escola para eles é um espaço nada agradável ou amigável. A relação entre aluno e a escola é muito conflituosa, principalmente com a direção e inspetores. Os dois estudantes pensam que a escola não deveria ser um espaço em que o aluno se sentisse mal com as situações causadas pelo racismo e sim um espaço onde as diferenças não existissem. Porém sentem que o ambiente escolar em que convivem é hostil com alguns alunos, e que devem andar com as pessoas “certas” para que não causem problemas futuros, tanto com a coordenação, direção e com outros alunos.

Em determinado momento chegaram a comentar sobre a falta de valorização e omissão do Estado em melhorar a infraestrutura, ainda mais esses jovens, que sabem por experiência própria como o Estado é omissor com suas obrigações e comentam também sobre a falta de estímulo dos professores em ensinar e que esses acabam deixando os alunos de lado e em alguns momentos descontando a sua frustração neles, abalando ainda mais as relações entre esses dois grupos.

Há o interesse de professores em buscar mudar essa situação, em ajudar os alunos e evitar os conflitos, levar o conhecimento e tentar mudar de alguma forma a vida dos alunos. Na entrevista, quando perguntei sobre a professora de geografia, foram feitos muitos elogios de como as aulas e a própria disciplina de geografia é importante para o cotidiano dos alunos, pois as aulas levam a proposta de buscar entender um pouco sobre tudo que está ao seu redor e como a geografia está presente dentro da cidade na vida desses alunos. A professora de geografia tenta mostrar a realidade e os problemas sociais que atingem diretamente os seus alunos, busca trabalhar com a realidade para a disciplina se tornar mais didática e atrair o interesse deles através dos projetos que foram citados no início do trabalho, que buscam valorizar os *outros sujeitos*.

No período em que realizei o contato com os alunos, a professora de geografia estava trabalhando as ocupações no centro de São Paulo, exibiu o

filme “Era o Hotel Cambridge” e depois realizou um campo na ocupação hotel Cambridge com os alunos dos nonos anos. Nas aulas foram realizados debates sobre como esses movimentos sociais funcionam para esclarecer dúvidas dos alunos.

No decorrer dos encontros, muitos problemas foram expostos pelos dois garotos que foram entrevistados. Ambos são negros e mostraram alguns de seus pontos de vistas sobre temas como o racismo dentro da escola e na sociedade, a vida nas ocupações e como chegaram até elas.

No primeiro encontro, ainda estavam receosos em falar sobre os problemas da escola, tanto físicos como estruturais. O início da conversa foi simples, perguntei sobre as ocupações em viviam e sobre que eles gostavam de fazer na escola ou no cotidiano, e uma das respostas foi o basquete, que ambos gostavam de jogar nas aulas de educação física e conheciam alguns jogadores profissionais. Como ambos gostavam de basquete começaram a conversar entre eles e se conheceram um pouco mais. Um deles sonha em treinar em algum clube aqui em São Paulo e tentar se profissionalizar como jogador de basquete. Como o basquete ainda é um esporte que está se expandindo e ainda não é tão popular como o futebol, sendo pouco divulgado na tv aberta, a forma deles acompanharem os melhores jogadores e a maior liga do mundo de basquete é através de vídeos e informações na internet. Essa primeira conversa teve como objetivo criar um laço com os alunos e ganhar a confiança deles, pois quando comentei que queria saber o que eles pensavam de verdade sobre a escola, ambos ficaram mais sérios, com medo de que o que eles fariam na entrevista chegasse ao conhecimento dos diretores e professores.

A partir do segundo encontro, as conversas começaram a fluir melhor, os estudantes já demonstravam estar mais abertos a falar sobre alguns casos de preconceitos que sofreram na vida e na escola. Por outro lado, em relação aos alunos que moram em ocupações, não foi observado nenhum tipo de deboche em relação às mesmas. Percebi que não há problemas por parte dos outros alunos e a colaboração de alguns professores em quebrar o tabu sobre os prédios ocupados na cidade de São Paulo. Conversando com os dois alunos percebi que ambos tinham uma visão sobre a luta de classes, não necessariamente nessas palavras, mas relataram experiências de quando andavam. por exemplo na Avenida Paulista, onde perceberam um olhar

desconfiado de algumas pessoas sobre eles, gerando um incomodo nesses alunos. Eles têm consciência que alguns espaços na cidade são destinados para pessoas de um grupo social específico.

Através das entrevistas e conversas, foi possível notar o poder exercido pelo Estado de forma oculta, analisando os discursos através de Foucault que trata sobre a disciplina da sociedade como forma de controle sobre o corpo dos cidadãos. Foi possível analisar o controle sobre certos grupos específicos, que sofrem penalidades ou são suspeitos de atos que não foram responsáveis devido a sua cor de pele ou histórico escolar de indisciplina. Presenciamos situações assim em nossa sociedade, como o racismo e preconceito enraizado em nosso inconsciente, que vai ganhando força com o passar dos anos.

Foucault aborda as mudanças na forma do Estado agir sobre os corpos dos cidadãos na sociedade e faz com que os governantes repensem sobre como o castigo físico não era a melhor de se punir o culpado, pois a revolta poderia se virar contra os líderes políticos. A nova forma de punir foi a criação de presídios, um espaço em que o Estado teria total controle sobre o indivíduo.

O controle do corpo de um indivíduo se manifesta de forma sutil pelo Estado, através de alguns meios na nossa sociedade, e a escola é um desses ambientes, como é colocado por Foucault:

Seja, por exemplo, uma instituição escolar: sua organização espacial, o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido – tudo isto constitui um “bloco” de capacidade-comunicação poder. A atividade que assegura o aprendizado e a aquisição de aptidões ou de tipos de comportamento aí se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições, questões e respostas, ordens, exortações, signos codificados de obediência, marcas diferenciais do “valor” de cada um e dos níveis de saber) e através de toda uma série de procedimentos de poder (enclausuramento, vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal) (FOUCAULT, 2004b, p. 241).

No trecho acima, Foucault busca mostrar como a escola é um espaço disciplinador muito importante para o Estado, pois nesse pequeno espaço e com pequenas medidas é possível construir uma sociedade disciplinada, algo vantajoso tanto para o capital quanto para o Estado. Foucault aborda as transformações que ocorreram em nossa sociedade após os governantes

perceberem que tortura e pena de morte não eram mais tão eficazes para o controle da população.

Um questionamento que me fiz foi em relação aos jovens que vivem nas periferias, será que mudou mesmo a forma do Estado agir sobre esse grupo? Pois ainda há violência nas áreas pobres. Os alunos que foram entrevistados já viveram nas regiões mais carentes de São Paulo e vivenciaram a violência policial, mas ao mesmo tempo, estão sendo controlados pelo Estado através da escola, um espaço com o objetivo de disciplinar os cidadãos. Será que esse aluno, de escola pública precarizada, se tornará um cidadão disciplinado ou revoltado com tudo que o Estado promove contra o grupo em que está incluso? Os alunos estão vivenciando a era da “justiça com as próprias mãos”, ao mesmo tempo o Estado controla a sociedade de maneira disciplinar e, caso o indivíduo fuja das regras, sua punição será a prisão. No caso da escola, a punição é a suspensão ou expulsão uma vez que cometam alguma atitude fora das regras institucionais.

No discurso dos alunos entrevistados, foi possível perceber esse controle e disciplina no seu discurso, pois o medo de serem punidos por apresentar críticas ao modelo escolar ou sobre os funcionários da escola e o respeito imposto com os cargos hierárquicos, como o diretor, coordenador, professores, inspetores e alunos, cada um agindo de acordo com o poder concedido à sua classe, pois em cada classe acima, há outros grupos e outras relações, como os alunos que são classificados em “melhores” ou “piores”, entre outras classificações feitas por grupos que são, em nível hierárquico, superiores e também, pelo próprio grupo, como por exemplo os alunos que são bagunceiros, a turma que são mais quietos e sub divisões entre os alunos.

O controle disciplinar que Foucault trabalha é percebido também na estrutura física da escola Marina Cintra. As características do prédio e do regime escolar podem ser comparadas com o de presídios e fábricas, locais fechados, com períodos específicos para o descanso, regidos por regras que são colocadas de forma direta e indireta.

Será que os alunos “rebeldes”, que são classificados como “problemáticos”, são o real problema das escolas? Será que o sistema de ensino já não está engessado e desgastado? Acredito que sim, que o sistema atual de

ensino esteja com diversos problemas e que os alunos sofrem com a falta de interesse em melhorar a qualidade do mesmo.

Conversando com os dois alunos entrevistados, ambos relataram a falta de estrutura e a falta de incentivo do Estado em melhorar a qualidade, demonstrando uma boa consciência de como está a atual situação da educação pública no estado de São Paulo. Comentaram também sobre a falta de valorização dos professores, a falta da manutenção da estrutura física, a presença de grades em algumas salas e a perseguição de alguns inspetores e professores. A escola que deveria ser um espaço para a conquista da liberdade, como já dizia Freire (2011), acabou se tornando um espaço que te tira muita liberdade e transforma o espaço escolar em um ambiente hostil e disciplinador e, no caso dos alunos, tanto fora como dentro da escola são tratados com um olhar preconceituoso e racista.

Outro fator que foi observado foi a formação de territórios dentro das escolas que são criados pelos grupos que estão dentro do espaço escolar. A formação dos territórios podem ter diversas origens por exemplo devido a sua origem (ex: nascido em São Paulo, ou imigrantes, região em que moram), conhecimento, vivência ou grupos que são semelhantes na forma de vestir ou estilo, ou também como os grupos dos que sentam no fundo da sala, os bagunceiros, os que conseguem tirar notas altas. Essa formação territorial é usada por todos e no ambiente escolar não seria diferente, pois como Raffestin (1993) aborda sobre a formação dos territórios que são os atores sociais que estabelecem os territórios, como ele coloca no seguinte trecho: *“O território não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder [...]”*

Quando perguntei aos alunos entrevistados como eram as suas ocupações me informaram sobre um espaço dedicado a cultura, como já foi dito anteriormente no trabalho. O espaço cultural visa evitar que as crianças e adolescentes fiquem na rua e acabem sofrendo repressão ou sejam vítimas da violência urbana. Esses espaços culturais são fundamentais para a formação e consciência desses jovens sobre assuntos que não estão nas apostilas e muitos professores não tiveram a vivência de um morador de ocupação, sendo assim,

difícilmente conseguirão entender e compreender esses alunos. O espaço cultural nessas ocupações tem um papel fundamental na vida desses meninos.

O espaço cultural em ocupações é pouco divulgado e conhecido, a falta de informações e a colaboração da mídia em atacar as ocupações e reforçar a defesa da propriedade privada acaba colocando a população contra os moradores de ocupações e apresenta pouco sobre como é a luta desse movimento social. As pautas que são mostradas na mídia são em grande parte mostrando informações distorcidas sobre os moradores e sobre o movimento, e não levando em consideração a importância dessa luta para nossa sociedade, como tantas outras lutas sociais e mostrar para o Estado que a cidade deve ser feita para o povo e não para o capital de uma forma geral. Por isso a importância de dar voz a esse conhecimento produzido em ocupações, para que se construa uma escola para todos e levar experiências distintas com visões de mundo diferentes para que ocorra a troca com outros alunos de diferentes realidades que estão espalhadas pelo Brasil inteiro.

O contato com a geografia possibilitou aos estudantes entenderem um pouco mais sobre o que estão vivendo, a especulação imobiliária na cidade de São Paulo e compreenderem ainda mais a importância da luta por moradia da qual fazem parte. Ainda falta muito para que esses garotos e a importância das lutas sociais por moradias sejam colocados dentro do currículo, mas a presença desses *outros sujeitos* dentro desses espaços nos mostra como a escola é um ambiente de lutas e ainda falta o currículo incluir esses grupos e reivindicações nas discussões dentro da sala de aula e consequentemente, em nossa sociedade.

4. Considerações finais

As observações e estudos que foram feitas para a elaboração do trabalho foram de grande aprendizagem com os acompanhamentos e entrevistas realizadas com os alunos. Os trabalhos realizados por professores que buscam mudar a educação e não seguir o currículo literalmente e se apropriam de forma que moldem da maneira mais apropriada para diferentes turmas e salas, um trabalho necessário para contemplar os *outros sujeitos* dentro das escolas públicas.

As ocupações de prédios no centro de São Paulo se mostram algo motivador. Como vivemos em uma cidade construída para o capital imobiliário, novamente ressalto a importância desses grupos sociais que lutam por moradias. No caso deste trabalho, abordamos brevemente as questões da luta por moradia e da representatividade dos coletivos sociais nos currículos escolares, para que seja levado este debate às salas de aulas e principalmente à nossa sociedade. É necessário batalhar por isso, principalmente nesse momento em que o país está passando e como já foi relatado anteriormente no trabalho, sobre o ódio incitado pela grande mídia contra esses grupos que são tratados de forma preconceituosa e grande parte da nossa sociedade acabam tirando conclusões sem saber sobre essas pessoas e a sua realidade. Essas foram algumas das reflexões trazidas a mim na elaboração deste trabalho.

Foi possível também trazer algumas memórias como aluno de uma escola estadual. Notam-se as diferenças entre uma escola de uma grande cidade e outra no interior, em uma cidade com 27 mil habitantes, mas também há muitas coisas em comum como a violência, a falta de estrutura física, professores que estão desestimulados, entre outros problemas. Contudo também tive a oportunidade de ter contato com professores que se identificavam com os alunos e tentavam mudar a educação, mesmo com um currículo não podendo abranger grande parte da minha realidade e a de meus colegas.

A pesquisa me possibilitou compreender um pouco mais sobre a formação do currículo, a falta de espaço das minorias e suas representatividades nos mesmo e a falta de professores e mestres na colaboração de sua construção.

A professora que eu acompanhei me trouxe muitas aprendizagens sobre a área da educação em escolas públicas e muitas reflexões de como trabalhar

com a heterogeneidade de uma escola. Nesse mesmo período iniciei minha carreira como educador e foi possível trazer as reflexões das diferenças e problemas de uma escola pública estadual e escola de ensino privado. Além de proporcionar a esperança de lutar para mudar a situação de muitos alunos que estão descrentes ou enxergam a escola como o único espaço em que podem brincar e sair um pouco do duro e triste cotidiano que muitos ali vivem.

O educador, professor e o mestre tem um papel fundamental na educação e esses profissionais deveriam ter mais espaço na elaboração do currículo escolar pois a vivência desse grupo é diversa e rica, mas acaba sendo ignorada pelo currículo como é tratado por Arroyo (2013) no seguinte trecho: “Por que esse acúmulo de conhecimento é ignorado? É um direito que os alunos conheçam o acúmulo de conhecimentos sobre seus mestres”.

Como o currículo pode ignorar os conhecimentos dessa classe? Como o currículo não abre espaço para os mestres opinarem sobre quais foram as suas experiências nas escolas? O que pode ser mudado para melhorar a qualidade do ensino como um todo? São questionamentos que muitos professores e educadores devem se fazer no decorrer da sua vida no exercício da profissão.

O desafio em colocar as vivências dos docentes no currículo são grandes e enfrenta diversas barreiras e uma delas é a desvalorização do professor, uma profissão desprestigiada. A falta de reconhecimento desta profissão é histórica. O docente não teve voz ou participação política ativa dentro do quadro político no Brasil.

Essa desvalorização acaba colaborando para a precarização e o número de interessados em se tornarem professores acaba diminuindo. Os baixos salários, a desvalorização e o nível de estresse colaboram para a falta de interesse em ingressar no magistério. Uma pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas e apresentada pelo jornal *O Globo*⁵ no ano de 2011 apresentou dados preocupantes, apenas 2% dos jovens que estavam prestando vestibular naquele ano tinham interesse em cursar licenciatura ou pedagogia. Não encontrei dados atuais, mas acredito que esse quadro não tenha se alterado

⁵ Mais informações no link:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pesquisa-mostra-que-apenas-2-dos-jovens-querem-ser-professores-3234641>

muito, pois as políticas voltadas para a área da educação não se alteraram, pelo contrário, estão sendo cada vez mais desprestigiadas.

Mesmo assim ainda devemos manter acesa a chama da luta por uma educação de qualidade e igualitária, onde todos os indivíduos possam ser contemplados e diminuam as diferenças entre a educação básica no ensino público, principalmente em escolas estaduais, em relação ao ensino privado. Lutar por uma valorização dos educadores e não apenas enaltecer essa profissão em forma de discurso, mas reconhecer de fato que a educação é a solução para muitos problemas que o país enfrenta atualmente. Sempre levando o conhecimento aos alunos para que seja feita a crítica sobre o mundo em que vivemos.

O trabalho me proporcionou grandes experiências e com certeza levarei comigo grande parte dos ensinamentos proporcionados por esses garotos e pela vivência na escola estadual, agora com um olhar diferente que enxergou naqueles alunos um pouco do que eu vivenciei na mesma idade que eles.

Para finalizar, a professora que acompanhei foi uma das chamadas que foram colocados no meu percurso até o fim da minha graduação, e quero me tornar essa chama para outros colegas e alunos para que eu sirva de exemplo como ela foi para mim. Também agradeço aos professores e mestres que passaram pelo meu caminho e me proporcionaram ensinamentos, mudando e colaborando no meu pensamento sobre o mundo.

Com certeza os professores que me serviram de inspiração para acreditar na educação serão exemplos para outros alunos que podem estar desacreditados nesta profissão, mas que mantém a luta por uma educação pública e popular.

5. Referências

- ARROYO, Miguel G. *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*. Editora Vozes; 2012
- _____. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 8ª edição
- _____. *Política e educação: ensaios*. Cortez Editora; 1993
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo, Centauro, 2006.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramalhe. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *Microfísica do poder*. Trad. Roberdo Machado. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. (Coletânea de textos de Foucault organizados e traduzidos por Roberto Machado).
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

Links:

- <https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert-Thelmamoura.pdf>
- <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-09/ocupacoes-sao-paulo-tem-segunda-maior-ocupacao-vertical-da-america>
- https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/09/politica/1455015637_003155.html
- <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/03/29/sem-teto-de-ocupacao-modelo-esperam-moradia-ha-pelo-menos-10-anos-em-sp.htm>
- <https://observasp.wordpress.com/2017/03/23/ocupacao-sao-joao-588-a-historia-se-repete/>
- <http://www.comerciodojahu.com.br/noticia/1237933/Acidente+a%C3%A9reo+mata+educadora+jauense+Marina+Cintra+em+1959>
- <https://oglobo.globo.com/sociedade/temer-sanciona-reforma-do-ensino-medio-aumento-na-carga-horaria-20936022>
- <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ausencia-de-historia-geografia-no-novo-ensino-medio-gera-apreensao-21027999>
- <http://mmlj.org.br/historia-da-ocupacao-prestes-maia/>
- http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/20170420_livro_participacao-conflitos-intervencoes-urbanas_cap10.pdf
- <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-09/ocupacoes-sao-paulo-tem-segunda-maior-ocupacao-vertical-da-america>
- https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/09/politica/1455015637_003155.html
- <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/03/29/sem-teto-de-ocupacao-modelo-esperam-moradia-ha-pelo-menos-10-anos-em-sp.htm>
- <https://observasp.wordpress.com/2017/03/23/ocupacao-sao-joao-588-a-historia-se-repete/>
- <http://www.comerciodojahu.com.br/noticia/1237933/Acidente+a%C3%A9reo+mata+educadora+jauense+Marina+Cintra+em+1959>
- <https://oglobo.globo.com/sociedade/temer-sanciona-reforma-do-ensino-medio-aumento-na-carga-horaria-20936022>
- <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ausencia-de-historia-geografia-no-novo-ensino-medio-gera-apreensao-21027999>
- <http://mmlj.org.br/historia-da-ocupacao-prestes-maia/>
- <https://trendr.com.br/cidades-mais-humanas-o-direito-%C3%A0-cidade-e-a-import%C3%A2ncia-dos-esp%C3%A7os-p%C3%BAblicos-7ff261a293d4>

http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/20170420_livro_participacao-conflitos-intervencoes-urbanas_cap10.pdf
http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2014/08/20161221_PMH_PL_bxa.pdf
<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/2179-2/>

Estatuto da Criança e do adolescente: Documento online:

<http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/inclusao-social-e-equidade/acessibilidade/legislacao-pdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>

Anexos

Transcrição das entrevistas

3.7. ENTREVISTAS:

Entrevistador: Qual é o seu nome, idade e escola em que você estuda?

M.: Meu nome é M., tenho 14 anos e estudo na escola Marina Cintra

Entrevistador: Qual a ocupação que você mora e onde ela fica localizada?

M.: Onde eu moro fica localizado na estação da Luz, rua Prestes Maia, e assim....é bom

Entrevistador: O que você acha da cidade de São Paulo, do que a gente conversou, o que você acha de morar no centro, lá perto da Luz? Coisas boas, coisas ruins...

M.: Eu acho morar lá na Luz de boa, nunca tive problemas, então pra mim fica tranquilo.

Entrevistador: O que você pensa sobre morar em ocupações?

M.: Eu acho que é um direito nosso, a gente não tá invadindo, a gente tá ocupando e então a gente tá correndo atrás dos nossos direitos vamos ver se a gente ganha alguma coisa. Então eu acho que se a gente correr atrás a gente consegue

Entrevistador: Quando que você entrou em uma ocupação? E seus pais? Desde quando você está morando lá?

M.: Eu entrei na ocupação, eu acho que foi em 2011, ou em 2010, aí minha mãe começou a participar e ela começou a morar.

Entrevistador: E antes disso você morava onde?

M.: Eu morava no centro mesmo.

Entrevistador: E quais são as dificuldades que você passa lá dentro e as coisas boas dentro de sua ocupação?

M.: Dificuldade talvez eu não passe, porque lá é bom, mas assim, você tem que, não pode se envolver com coisas ruins, porque se envolver, também, e lá também tem várias coisas, lá é super bom.

Entrevistador: Como funciona a organização dentro da sua ocupação?

M.: O andar?

Entrevistador: É. Ou a organização, o 1º andar é destinado a cultura ou espaço para cultura? Espaço para cultura. Como você comentou sobre um fiscal por andar.

M.: Sim. Sim. Tem atividades, mas nem sempre acontece. Aí tem cada andar, um morador para fazer ronda por andar.

Entrevistador: Você comentou sobre uma lista de chamada por andar.

M.: Isso, tem.

Entrevistador: Como funciona essa lista de presença?

M.: Tem atos. Aí eles veem quem vai e quem não foi. Quem foi, na hora da volta eles tem uma lista dos nomes das pessoas e eles vão vendo cada pessoa que veio e cada pessoa que não veio. Tal moça veio, aí ele vai lá, ele veio, tal moço veio, aí as pessoas que não veio, tem como provar que a pessoa não veio, aí as pessoas que não veio, tem como provar que a pessoa que não veio, aí tem como provar se a pessoa falar que foi e não foi, tem como provar que ela não foi.

Entrevistador: Quantas vezes a pessoa pode faltar nesses atos?

M.: As pessoas que não contribuem com as ordens, elas são chamadas na coordenação e a coordenação conversa com elas aí elas têm que participar, quem não participa, sabe como é né? Então as pessoas têm que participar para conseguir alguma coisa, que não é justa com a pessoa sair do trabalho, aí depois ter um ato pra fazer aí a outra pessoa tá lá de boa e falar que foi, sendo que não foi, e fazendo coisas pela pessoa que não está fazendo nada.

Entrevistador: Você teve dificuldades para fazer a matrícula aqui na escola, ou burocracias ou dificuldades com questões de endereço, comprovante de residência?

M.: Não, não tive dificuldade não

Entrevistador: O que você pensa sobre a escola Marina Cintra?

M.: A escola não é tão boa, mas assim, pra outras coisas ela é boa. Mas assim, em cada escola tem onde se envolver com as coisas boas e com as coisas ruins, aqui é só você não se misturar com as coisas ruins que você fica de boa.

Entrevistador: Quanto tempo você está estudando aqui?

M.: Eu aqui, dois anos

Entrevistador: O que você pensa sobre a escola de uma forma geral? Você já estudou em outras escolas? O que você pensa sobre a escola de uma forma

geral, a educação, dos problemas existentes, o que você pensa da escola geral, tanto da estrutura física ou qualquer coisa?

M.: Eu acho boa.

Entrevistador: E quais são as suas dificuldades dentro da escola?

M.: Como assim?

Entrevistador: Por exemplo, a questão da locomoção, dos professores...

M.: São ótimos, é só a gente prestar atenção.

Entrevistador: Como você enxerga a geografia na escola e no seu dia a dia? Como ela é importante? Como a geografia pode entrar no seu dia a dia?

M.: A geografia é muito importante porque ela fala sobre o meio ambiente, sobre o petróleo que é muito importante.

Entrevistador: E no seu dia a dia, como ela é importante? Por exemplo, você morar em uma ocupação no centro, e a gente falar sobre outro assunto, preconceito. O que você pode falar? "Moro lá no centro, as pessoas acabam olhando com outro olhar"?

M.: Então, moro aqui no centro, não é todas as pessoas que me olham como mal vistas. Porque assim, a maioria das pessoas que eu conheço aqui no centro, já me conhecem. Então assim, eu não sou malvisto. Então eu acho isso bom, porque quem que é bem visto é bem olhado.

Entrevistador: Finalizando, o que você acha do ensino de geografia na escola?

M.: O ensino é bom, a gente aprende coisas que a gente não ia aprender, coisas que a gente descobre e coisas que a gente não descobre.

Entrevistador: Ok, tem mais alguma coisa para falar?

M.: Não tenho não

3.8. ENTREVISTA (A.)

Entrevistador: Qual é o seu nome, idade e escola em que você estuda?

A.: Meu nome é A., tenho 13 e estudo na escola Professora Marina Cintra

Entrevistador: Qual é a ocupação em que você mora e qual é o local, onde ela fica localizada?

A.: Moro na ocupação São João 588, localizada no centro de São Paulo

Entrevistador: O que você acha da cidade de São Paulo?

A.: Eu acho que a cidade é... todas as pessoas, a maioria é racista, os negros e os pobres, quem tá em cima olha com mal olhado pra quem tá embaixo

Entrevistador: Quanto tempo você está morando nessa ocupação?

A.: Lá, 3 anos.

Entrevistador: E como vocês se engajaram nessa luta por moradia?

A.: A gente morava na zona leste, aí ela entrou no grupo de base da zona leste e São Mateus, aí ela descobriu sobre a ocupação e ela não estava mais conseguindo pagar aluguel direito, muito caro, e ela veio morar aqui, e eu fiquei um tempo com meu pai, uns dois meses, aí vim morar com ela aqui

Entrevistador: O que você pensa sobre morar em ocupações?

A.: Eu penso que é bom morar porque nós não pagamos aluguel e nem água, é isso.

Entrevistador: Quais as dificuldades que vocês enfrentaram e enfrentam, você e sua família, nas ocupações? Quais as dificuldades que vocês enfrentam e enfrentaram nesse tempo que vocês estão morando lá?

A.: Muito preconceito, porque nós moramos em ocupação, pensa que ocupação é invadir é só, tomar o que é dos outros, mas não, a gente está tomando o que está abandonado, sem pagar imposto.

Entrevistador: Você teve alguma dificuldade para se matricular aqui?

A.: Eu tive bastante. Quando eu vim da Zona Leste, eu tentei me matricular aqui, mas estava sem vaga, aí eu fui pro colégio João Kopke, na cracolândia. Estudei lá dois e vim pra cá esse ano.

Entrevistador: Além dessas dificuldades de fazer matrícula, você enfrenta dificuldade, por exemplo, na questão do endereço, com comprovante de residência, para chegar correspondência ou não?

A.: Não, sem nenhum problema.

Entrevistador: Como funciona a ocupação que você mora?

A.: Lá é organizado, tem cada coordenador por andar, quando vai para os atos, também assina o caderno, a folha para comprovar que esteve lá nos atos, na reunião também assina.

Entrevistador: Tem atividades culturais?

A.: Tem. Tem atividades culturais. Biblioteca, tem reforço para idosos e crianças, tem também capoeira agora.

Entrevistador: Ah, bacana. Agora em relação à escola. O que você pensa sobre a escola? Não a escola Marina Cintra, mas a escola como um todo, comparando todas as escolas em que você estudou?

A.: Penso que a escola vive tipo uma ditadura. Os alunos têm que entrar uma hora, não pode se atrasar e é obrigatório ir à escola. É também a grade na janela, não pode sair, sair no horário de aula e o professor reclamam. Posso tomar uma suspensão, uma advertência. E não pode ir ao banheiro sem pedir para o professor, tem que sentar em fileira.

Entrevistador: Entendi. Nós já comentamos sobre quais são as dificuldades aqui dentro da escola. O que você enfrenta nessa escola? Não em questão de matéria, de disciplina, mas de um modo geral. Você pode falar da questão do transporte ou questão aqui dentro de como funciona aqui a escola, os inspetores, você pode falar o que você acha, se tem alguma dificuldade, se não tem.

A.: Eu tenho um pouco de dificuldade sim, porque outro dia, a inspetora estava olhando pra mim e pro meu amigo sendo que a gente não faz nada pra ela, aí a gente desceu na aula vaga, pro pátio, aí ela falou "o que a gente estava fazendo lá em baixo?", e a gente falou, "é aula vaga agora" e a gente saiu andando, e ela falou "volta aqui agora!" e levou a gente pra coordenação.

Entrevistador: É um pouco do que você falou da questão da ditadura assim, seguir regras e mesmo estando correto você pode acabar sendo punido. Como você enxerga a geografia na escola e no seu dia-a-dia, se a gente for pegar a matéria de geografia e colocar no seu dia-a-dia?

A.: Geografia é essencial pra educação, saber os lugares, ou o estado que você vive, o bairro que você mora, cidade, zona leste, zona norte...

Entrevistador: O que você acha da geografia, no ensino de geografia na sua escola? A professora ensina bem ou não?

A.: A professora ensina bem, mas o governador deveria investir mais pra dar o melhor dela na matéria, dar mais livros, esse ano tem poucos livros, e é isso.

Entrevistador: Bom, obrigado A..

***A entrevista foi transcrita de acordo com o áudio, há erros de concordância devido a informalidade da entrevista.**